

# Roteiro de Atividades

## Romance

9º Ano | 4º Bimestre | 1º Ciclo

Versão do Aluno

## Texto Gerador 1

*Capitães da Areia* é um dos romances mais conhecidos de Jorge Amado. Sua temática é muito atual, pois, embora se passe nos anos de 1930 e seja ambientado especificamente na capital baiana de Salvador, aborda a situação do menor abandonado e as mazelas pelas quais ele passa em uma cidade grande para poder sobreviver. Leia, a seguir, o trecho que escolhemos pra apresentar a você, integrante do segundo capítulo da obra em questão.

### Noite dos Capitães de Areia

1§ A grande noite de Paz da Bahia veio do Cais, envolveu os saveiros, o forte, o quebra-mar, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igrejas. Os sinos já não tocam as ave-marias que asseis horas há muito que passaram. E o céu está cheio de estrelas, se bem a lua não tenha surgido nesta noite clara. O trapiche se destaca na brancura do areal, que conserva as marcas dos passos dos Capitães da Areia, dos que já se recolheram. Ao longe, a fraca luz da lanterna da Porta do Mar, botequim de marítimos, parece agonizar. Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do negro João Grande, que se recolhe. Vai curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e músculos retesados, embora tenha apenas treze anos, dos quais quatro passados na mais absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia. Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido. O Sem-Pernas dizia dele:

2§ – Este negro é burro mas é uma prensa...

3§ E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio, tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

4§ – Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você – e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado.

5§ João Grande vem vindo para o trapiche. O vento quer impedir seus passos e ele se curva todo, resistindo contra o vento que levanta a areia. (...)

(...)

6§ João Grande passa por debaixo da ponte – os pés afundam na areia – evitando tocar no corpo dos companheiros que já dormem. Penetra no trapiche. Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do Professor. Lá está ele, no mais longínquo canto do casarão, lendo à luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna do Porta do Mar e que o Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda. João Grande anda para onde está o Professor, se bem durma sempre na porta do trapiche, como um cão de fila, o punhal próximo da mão, para evitar alguma surpresa.

7§ Anda entre os grupos que conversam, entre as crianças que dormem, e chega para perto do Professor. Acocora-se junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro.

8§ João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tomara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outras histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heróicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e várias vezes foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo. (...)

9§ João Grande ficou muito tempo atento à leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela, e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

10§ – Bonita, Professor?

11§ Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

12§ – Uma história porreta, seu Grande – seus olhos brilhavam.

13§ – De marinheiro?

14§ – É de um negro assim como tu. Um negro macho de verdade.

15§ – Tu conta?

16§ – Quando findar de ler eu conto. Tu vai ver só que negro...

17§ E volveu os olhos para as páginas do livro. João Grande acendeu um cigarro barato, ofereceu outro em silêncio ao Professor e ficou fumando de cócoras, como que guardando a leitura do outro. Pelo trapiche ia um rumor de risadas, de conversas, de gritos. João Grande distinguia bem a voz do Sem-Pernas, estrídula e fanhosa. O Sem-Pernas falava alto, ria muito. Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade. Coxo, o defeito físico valera-lhe o apelido. Mas valia-lhe também a simpatia de quanta mãe de família o via, humilde e tristonho, na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite. Agora, meio do trapiche, o Sem-Pernas metia a ridículo o Gato, que perdera todo um dia para furtar um anelão cor de vinho, sem nenhum valor real, pedra falsa, de falsa beleza também.

18§ Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:

19§ – Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom pro meu dedo. Batuta mesmo. Tu vai ver quando eu trazer...

20§ – Em que vitrine?

21§ – No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa dos Sapateiros.

22§ E o Gato não descansou enquanto não conseguiu, no aperto de um bonde das seis horas da tarde, tirar o anel do dedo do homem, escapulindo na confusão, porque o dono logo percebeu. Exibia o anel no dedo médio, com vaidade. O Sem-Pernas ria:

23§ – Arriscar cadeia por uma porcaria! Um troço feio...

24§ – Que tem tu com isso? Eu acho bom, tá acabado.

25§ – Tu é burro mesmo. Isso no prego não dá nada.

26§ – Mas dá simpatia no meu dedo. Tou arranjando uma comida.

27§ Falavam naturalmente em mulher apesar do mais velho ter apenas 16 anos. Cedo conheciam os mistérios do sexo.

28§ Pedro Bala, que ia entrando, desapartou o começo de briga. João Grande deixou o Professor lendo e veio para junto do chefe. O Sem-Pernas ria sozinho, resmungando acerca do anel. Pedro o chamou e foi com ele e com João Grande para o canto onde estava Professor...

## Atividades de Leitura

1. O romance sempre apresenta uma voz que narra a história. Essa voz recebe o nome de *narrador*, e pode contar a história na *primeira pessoa* (usando, nesse caso, os pronomes “eu” ou o “nós”) ou na *terceira pessoa* (usando, nesse caso, os pronomes “ele/ela” ou “eles/elas”).

O narrador em primeira pessoa, ou *narrador personagem*, pode se apresentar de duas formas: como *narrador testemunha* ou como *narrador protagonista*. O primeiro observa os acontecimentos em geral de forma direta e verossímil, mas seu ângulo de visão é limitado. Já o narrador protagonista vive os fatos como personagem principal, embora também não tenha acesso ao pensamento dos demais personagens.

O narrador em terceira pessoa, por sua vez, de um modo geral aparece na história como *narrador intruso* ou *narrador onisciente*. O narrador intruso é aquele que fala com o leitor inclusive julgando o comportamento das personagens. Já o narrador onisciente é o tipo que sabe tudo sobre a história, podendo, inclusive, antecipar para o leitor algum fato ou revelar as idéias e os sentimentos ocultos de um personagem.

Considerando esse quadro geral mais esquemático, identifique, dentre as passagens abaixo, uma que indica a presença de um narrador *onisciente* para contar algo.

- a) Os sinos já não tocam as ave-marias que as seis horas há muito que passaram.
- b) – Este negro é burro mas é uma prensa...
- c) O negro pensa que nessa noite de tanto vento são perigosos os caminhos do mar.
- d) Pelo trapiche ia um rumor de risadas, de conversas, de gritos.

2. Leia esta passagem:

*Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar.*

Assinale, agora, qual das opções abaixo pode ser *inferida* da passagem acima, ou seja, o que podemos concluir a partir do pequeno trecho lido, ainda que não esteja dito no texto com todas as letras.

- a) Caboclo exerceu forte influência sobre o estilo dos chefes que vieram depois dele.
- b) Caboclo era um chefe que tinha medo de tudo.
- c) Os Capitães da Areia tiveram um chefe chamado Caboclo.

- d) O grupo só ficou famoso apenas depois que passou a empreender ações mais arriscadas.

3. Os personagens do romance são muito semelhantes aos chamados "meninos de rua" da atualidade. Identifique a opção que melhor descreve a maneira como o narrador vê os integrantes dos Capitães da Areia.

- a) Pequenos marginais que deveriam ser presos.
- b) Garotos inocentes que na verdade eram apenas vítimas da sociedade.
- c) Meninos violentos que seriam incapazes de viver em sociedade.
- d) Garotos com personalidades singulares e interesses variados, que possuíam boa capacidade de organização e noções de justiça.

4. Em "Noite dos Capitães da Areia", os apelidos atribuídos aos personagens, assim como suas falas e o próprio discurso do narrador, contribuem para a caracterização física e psicológica dos mesmos. Valendo-se de tais elementos presentes no texto, assinale a alternativa que contém um comentário *incorreto* acerca dos personagens citados abaixo:

- a) Pedro Bala pode ser considerado o líder do grupo, aquele que chefia os planos dos furtos, ainda que recorra sempre a João José e a João Grande antes de tomar decisões.
- b) João Grande é tão forte que até Pedro Bala tem medo dele.
- c) João José tem uma imaginação ativa, fruto do gosto pelos livros.
- d) Sem-pernas usa sua deficiência física para se infiltrar nas residências que estão sendo alvo de interesse do grupo pra serem assaltadas.

## Atividades de Uso da Língua

5. Em textos narrativos, o discurso citado tem grande importância, pois registra as *falas* dos personagens. Para isso o narrador emprega, frequentemente, o *discurso direto*, em geral introduzido ou retomado por verbos que nos indicam *como* aquela fala foi considerada na cena em questão.

Sendo assim, leia as passagens seguintes e procure *identificar* e *substituir* esses verbos por outros com sentido aproximado, comentando ainda as diferenças geradas por essas alterações.

- a) Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:
  - i. – Bonita, Professor?
- b) Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:
  - i. – Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom pro meu dedo. Batuta mesmo. Tu vai ver quando eu trazer...
- c) – Bom lugar é nos cinemas – disse o Professor voltando-se para o Sem-Pernas.
- d) – Que é que tem mais? – novamente interrompeu o Sem-Pernas.
- e) – Quer mais corrente de ouro? Da outra vez... – atalhou o Sem-Pernas.

6. Releia esta passagem:

*Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:*

*– Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você – e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado.*

Podemos ver que, nessa passagem, há dois *planos narrativos*: o do narrador e o do personagem. Além da pontuação, indicando o discurso direto, os tempos verbais servem também para demarcar essa diferença. O emprego do *presente do indicativo*, na fala da personagem, cria o seguinte efeito de sentido no texto:

- a) Uma realidade hipotética, que está no nível da imaginação da personagem.
- b) Um efeito de realidade, dando a impressão de que o narrador está diante de nós.
- c) Um efeito de realidade, dando a impressão de que o personagem está diante de nós.
- d) Uma análise da fala de outro, mostrando suas posições ideológicas ou psicológicas.

## **Atividades de Produção Textual**

7. Considerando que, em geral, o número de exemplares de um mesmo livro na biblioteca escolar não costuma ser suficiente para todos os alunos de uma sala, um bom exercício para garantir que a turma toda tenha contato com a história integral é que um um aluno (ou grupo) diferente

fique responsável pelo resumo de cada capítulo. No dia marcado esse resumos parciais devem ser apresentados oralmente para os demais alunos, que deverão ser encarregados de fazer, em seguida, perguntas aos apresentadores de modo a esclarecer trechos eventualmente obscuros ou lacunas importantes, de modo que os resumos parciais possam ser aperfeiçoados nesse movimento. Nessa etapa, essas leituras poderiam ser gravadas e disponibilizadas na internet, de modo que seja formada uma memória da atividade acessível a todos. Num último momento dessa atividade, todos os alunos deverão fazer um resumo *geral* da narrativa integral ouvida.

8. Considerando o resumo da narrativa integral, obtido através do exercício proposto na questão anterior, procure registrar organizada e esquematicamente os seguintes itens relacionados ao livro lido: - tema; - foco narrativo; - época; - cenário; - personagens; - conflito; - desenlace.

Feito isso, proponha a alteração de um dos itens e justifique sua escolha diante do grupo, escolhendo um colega que possa propor outra alteração, considerando o novo esquema já formado. Siga, então, nessa dinâmica, até que todos os itens listados acima tenham sido alterados para que a nova narrativa que surgirá desse planejamento esteja ainda mais próxima dos interesses da turma.